Ano 31.º — Sábado, 5 de Março de 1938 — N.º 1516

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agência Hava

Corporações e Estado totalitário

A organização corporativa é, por sua própria natureza, contrária à orgânica do Estado totalitário. Corporações e totalitarismo são termos que se contradizem. Na verdade, se aquela, no seu verdadeiro sentido, tende à integração do indivíduo num todo colectivo a favor do bem comum, quere dizer, a favor dos verdadeiros interêsses da pessoa humana, de modo a que esta conserve livres as suas iniciativas para o trabalho (entenda se a palavra *trabalho* no sentido lato, para que abranja tôda a espécie de actividade), compreende-se logo que o Estado, como entidade omnipotente, absorvendo e dirigindo directamente a vida nacional, não se harmoniza com a organização corporativa. Poder independente do Estado, Estado forte na sua autoridade, são coisas diferentes e até necessárias à corporação, pois esta, sem a protecção duma fôrça que exprima todos os interêsses da unidade social e nacional, não poderia realizar os seus fins e nem sequer poderia existir. Daqui se pode concluír, então, que tanto o totalitarismo como a democracia são contrários à orgânica corporativa. A democracia, na realidade, amarrada à fé de que na livre concorrência individual é que se encontra o equilíbrio e o progresso das sociedades, não pode, por forma alguma, harmonizar-se com a corporação, que está no polo opôsto do individualismo económico, social e moral.

O Estado totalitário, absorvendo em si as fôrças criadoras da pessoa e fazendo do homem um ser sem iniciativa dentro da engrenagem complicada e centralizadora duma autoridade com princípio e fim em si mesma, da mesma maneira, se opõe à ordem corporativa, que presupõe auto-direcção económica sôbre uma base moral, que requere de si campo livre à natural projecção das fôrças racionais e espirituais. Sabemos que muito se confunde, actualmente, Estado totalitário com Estado corporativo. A confusão leva a conclusões erradíssimas e lamentáveis sob o aspecto da formação duma mentalidade nova capaz de compreender a necessidade duma forte disciplina jurídica, social e moral imposta às relações dos que hão-de produzir trabalho e concorrer para uma nova ordem económica. Tal confusão tem levado muita gente a afirmar que o Estado Novo português é totalitário. Afirmá-lo é caír numa conclusão inteiramente fóra da verdade. A nova ordem política e social portuguesa protula de si a organização corporativa. O Estado é corporativo e, por isso, contrário a todo e qualquer totalitarismo. A moral e o direito limitam-no. A corporação impõe que êle não sáia da sua esfera própria, isto é, que não vá além do limite em que a sua autoridade é necessária para que se mantenha o justo equilíbrio entre os interêsses organizados.

O totalitarismo cesarista não está na tradição do direito público português. Ao contrário: nessa tradição encontramos o supremo poder (o do rei) limitado pela organização municipalista e foraleira da Nação e pela organização dos interêsses económicos e morais do tempo. O Estado Novo é, neste campo, tradicionalista, aproveitando da tradição tudo o que corresponde a uma boa e eficaz defesa dos interêsses da Nação, cujo valor social e moral está acima do próprio Estado.

Repetimos, para terminar êste pequeno artigo:—onde houver organização corporativa não pode haver Estado totalitário.

A. M.

Ladislau Batalha

Faleceu com 84 anos, em Arruda dos Vinhos, o companheiro de Antero do Quental, Azedo Gneco e José Fontana a quem auxiliou na fundação do Partido Socialista Português, sendo um dos seus mais entusiastas militantes e dirigentes.

Foi colaborador de vários jornais desse partido, tomou parte em várias legislaturas após o advento da República e fica dele esta lembrança que muito o nobilita: quando um dia, morando em Lisboa, passava no Rossio, viu abandonado sobre um dos bancos que aquela praça tinha, miseravelmente vestido, o poeta Gomes Leal, a quem o rapazio vaiava. Acercando-se dêle, ajudou-o a erguer-se, dando-lhe o braço, meteu-o dentro dum trem e levou-o para sua casa, onde ficou entregue aos cuidados da esposa até que a morte o arrancou à vida dois anos depois. Foi ainda Ladislau Batalha que lhe cuidou das ultimas disposições e do enterro, não sendo rico.

Admirável exemplo de humanitarismo!

Pelos extremos...

O conhecido professor Piccard, que já fêz mais do que uma ascensão à estratosfera, subindo a uns três mil metros de altura, vai agora dedicar-se a outra proesa que consiste numa descida a 4.000 metros, seguida doutra a 6.000 de profundidade no Oceano Atlântico!

Esta viagem ao fundo do mar será feita a bordo duma esfera que está sendo construída de forma a poder agüentar a necessária alta pressão.

Acompanha Piccard afim-de realisar estudos científicos o zoologo Rizzardi.

Extraordinária coisa.

Bailes no Teatro

Decorreram desanimados uns, e mais concorridos outros, faltando-lhes muito do que noutros tempos tinham com fartura—alegria!

Tanto os promovidos pelas agremiações locais, como os públicos, ressentiram-se bastante, sende talvez uma das causas o serem todos seguidos — nove a fio!...

No dos *Galitos*, efectuado segunda-feira, houve uns momentos de panico devido a um curto-circuito, que bastante o prejudicou, e nos públicos não se notou qualquer máscara de espírito.

Nem mesmo qualquer cabeça de raça apurada...

Trincheira dum crente

O Espírito do Ocidente

Foi há anos, já, que lemos com uma curiosidade e uma aspiração insaciáveis de apreender as suas ideias claras e profundas,—o celebrado livro de Henri Massis *Defesa do Ocidente*.

A sua prosa vibrante, disciplinada e lúcida, que não exclue belesa artística e literária, àlém de nos causar reverente admiração, impressionou-nos deveras. Mas mais ainda, que o seu estilo mágico, rico de conceitos dum pensamento novo e másculo, tão natural ao verbo francês, subjugou-nos a sua larga, fresca, enérgica e corajosa combatividade espiritual.

Massis, é o batalhador aguerrido, o apóstolo iluminado pelos soberanos dotes da Razão e da Fé, que se colocou aberta e desinteressadamente ao serviço da mais nobre das cruzadas intelectuais,—defender a alta e sagrada causa da vitoria do Espírito Latino. E' o arauto consciente e sincero, que mergulhou as directrizes renovadoras das suas ideias, nas invencíveis razões da fé e nas virtudes eternas e criadoras da inteligencia, para defender com elegância e aprumo inexcedíveis, o supremo espírito do ocidente, as linhas indestrutíveis e fundamentais da civilização cristã, a forma imortal da nossa Razão concreta e construtiva e os claros e puros horizontes da alma infinita da Latinidade, que encontra sempre, na sua essência, os dons duma permanente renovação e duma activa perpetuidade.

Falava-se então com duvidosas pretensões filosóficas, na decadencia dos povos do ocidente, na falência do espírito latino, gasto e encanecido, na ruína da cultura e dos valores morais e intelectuais, que alicerçaram as bases da nossa secular civilização, fundamentos morais e espirituais que herdámos da ordem jurídica romana, do ordenado pensamento grego e do altíssimo idealismo cristão.

Novas correntes literárias, poéticas e filosóficas, ainda que eloquentes e engenhosas, cruzavam em labaredas ardentes, o céu puro e imaculado do pensamento latino. O Oriente lançava sôbre os meios literários e intelectuais europeus, a sarça subjectiva e romantica, vestida de roupagens sugestionantes, do seu panteísmo metafísico e iluminado de falsa e venenosa luz moral e espiritual e onde dormem, ainda que em macio e fôfo leito, a essência de todos os despotismos, de todos os pessimismos e de todos os males da inteligência, da alma e do coração. O Indianismo e o Eslavismo com os seus excessos subjectivos, onde se encobrem estranhamente todos os requintes do mais sordido e cruel materialismo e as mais penetrantes análises psicológicas, que estilisam e exageram os defeitos e males humanos, impressionaram momentâneamente os espíritos e as almas, sedentas de novidades ideológicas e de novos vôos de pensamento.

O Germanismo, fazendo-se éco destas modernas correntes literárias e intelectuais e interpretando-as à feição do seu génio filosófico, deu-lhes na Europa verdadeiros fóros de cidade.

* * *

O pensamento e o espírito latinos não morrem, nem sequer envelhecem. Confundiu-se a desordem política, social e económica trazida pelo Liberalismo absoluto e a indisciplina intelectual causada pelo domínio ilimitado do pensamento abstrato, como sintomas irremediáveis da decadência, da ruína e da morte da cultura do Ocidente. Puro engano! Manifesta ilusão!

O pensamento latino para se purificar e renovar tem que regressar às suas fontes originais. Tem que expulsar de si, tudo que é estranho ao seu génio, à sua alma e à sua cultura: o sentimentalismo doentio e morbido e o panteísmo metafísico oriental, próprios doutra raça, doutro continente, doutra civilização.

O verdadeiro espírito latino é o triunfo da verdadeira ordem intelectual. Ordem significa equilíbrio, justeza, claridade e coordenação. E' supremacia do concreto sôbre o abstrato, do objectivo sôbre o subjectivo. E' a ordem no cérebro, na alma e no coração.

E consequentemente a ordem na vida, a ordem em todas as instituições sociais, económicas e políticas. Esta ordem existe, de facto, na essência e na forma do pensamento, da cultura e do espírito clássicos, que atingiram a perfeição e a beleza eternas. Henri Massis, com outros intelectuais do nosso tempo, pondo em fóco o pensamento imortal de todos os séculos, são os cavaleiros da nova cruzada intelectual e política, que hão-de salvar dos escombros e das ruínas desencadeadas à sua volta, o velho e sempre novo espírito da Latinidade e o pensamento cristianíssimo e renovador do Ocidente.

J. Carreira

NA HOMENAGEM A ADELINA ABRANCHES

Eis o discurso proferido, em nome do Grupo Cénico do Club dos Galitos, pelo sr. José Duarte Simão na noite de 19 de Fevereiro e ao qual aludimos na notícia do número anterior dêste jornal:

Ex.ma Senhora D. Adelina Abranches

Minhas Senhoras;

Meus Senhores;

De tôdas as virtudes que adornam o coração humano, duas há, principalmente, que à nossa sensibilidade se oferecem como primórdio ou garantia da existência de um complexo de virtuosidades latentes,—e são elas: a gratidão, em primeiro lugar; e em segundo lugar, o respeito e a estima a quem, por obras ou factos, dêles se tornou credor ou a êles houver jus, já pela prática de acções meritórias que nobilitam, já por um conjunto de circunstâncias, as mais das vezes de índole psicológica, fazendo vibrar sensibilidades afectivas em catadupas de enternecimento; já, ainda, e principalmente, quando o merecimento próprio deu lugar à conquista duma posição de incontestável destaque;—em suma, quando êsse respeito é devido em justa consagração ao verdadeiro merecimento.

Tais são, Ex.ma Senhora, as duas virtudes que nos impuseram a vinda aqui, junto de V. Ex.ª; e é do encontro e do entre-choque de ambas elas no nosso espírito que vem a justificação e a desculpa à presença de pobres pigmeus diante da figura augusta da maior comediante da actualidade—relíquia veneranda de tôdas as glórias da cêna portuguesa.

Dever de gratidão é, pois, êste nosso encontro frente a frente—os componentes do Grupo Cénico do Club dos Galitos vindo em romagem, fazer oferenda da sua prece, para que possa ser bem aceite o modesto testemunho do nosso indelével reconhecimento, e quis o ocaro—grato ao meu espírito—que fôra eu o arauto da nossa oração.

* * *

Dignou-se V. Exc.ª, num rasgo de generosidade magnânima que nos confunde, baixar um pouco do pedestal de sua glória rutilante, para vir até nós, em requintada gentileza, dedicar-nos o seu espectáculo de hoje.

Tamanha honra, ou galardão de tal valia, estavam bem longe de poder casar-se com a modéstia característica do nosso Grupo, a quem não era dado sonhar o gôzo espiritual de tão singular grandeza—honra que, por um notável paradoxo de realidade palpável, nos torna, simultâneamente, grandes e pequenos,—grandes, pela consagração que nos atinge; pequenos—ai de nós!—porque no activo de tão efémeros merecimentos como os nossos, não sobreleva apoio a poder comportá-la; e só é motivo a realçar ainda mais o contraste flagrante entre V. Ex.ª—sempre grande e senhora nossa!—e o grupo dos mais humildes dos seus admiradores.

* * *

Mas esta honra, que é bem nossa, indelèvelmente guardada no relicário de nossas almas, como sentinela bendita a méritos falazes que, porventura, queiram atribuír-nos, dela queremos dar em usufruto à terra que nos foi berço, à nossa querida Aveiro, pois a ela sòmente cabe o melhor quinhão de glória que o nosso grupo,

Métodos comunistas

Noticiaram os jornais, há tempo, o desaparecimento misterioso do encarregado dos Negócios na U. R. S. S. em Bucareste. Dias depois, o govêrno de Moscovo entregava uma enérgica nota ao govêrno romeno, a propósito dêsse desaparecimento, e os jornais das esquerdas dos diversos países onde se permite que medre essa fauna, alimentada pelo dinheiro comunista, acusavam os russos brancos e a Gestapo alemã de terem raptado Butenko.

Agora acaba de ser desvendado o mistério. Butenko fugiu da Legação Soviética em Bucareste porque estava em perigo de ser raptado pelos agentes da policia moscovita para o paraíso vermelho ou deportado para a Sibéria, como contra-revolucionário.

Este caso vem lançar luz sôbre os métodos moscovitas que hoje são empregados não só na U. R. S. S. mas também naquêles países que não conseguiram extirpar o cancro vermelho. O rapto de dois generais russos, o assassínio dum economista russo, o assassínio de Reis, na Suíça, e agora a tentativa de rapto contra o seu próprio Encarregado de Negócios, demonstram, duma maneira clara e insofismável, a falta de escrúpulos dos bandidos vermelhos.

Exposição Filatelica

Anuncia-se para Junho próximo a primeira Exposição Filatelica Internacional, sendo o Rio de Janeiro, capital da República do Brasil, a cidade escolhida para êsse fim.

Gostavamos de vêr, mas fica onge...

Êste número foi visado pela Censura

Efemérides

5 de Março

1897—O sr. Prudente de Morais resume o cargo de presidente da República do Brasil.

1909—Morre o actor Taborda, insigne artista dramático, lídima glória da cêna portuguesa.

1917—Morre o venerando republicano, dr. Manuel de Arriaga.

Os progressos da ciência

O médico brasileiro Manuel Abreu inventou um método, que denominou *Roentzenfotografia*, pelo qual espera realisar, por prêço baratíssimo, o exame do torax para diagnóstico pulmonar. Logo que o novo método foi divulgado, a Prefeitura do Rio de Janeiro adoptou-o nas escolas públicas. Divulgado nas jornadas médicas realizadas em Montevideo pela delegação brasileira, o novo processo vai ser adoptado imediatamente nas escolas do Uruguay, da Argentina e da América do Norte.

Tem razão

O *padre veneno*, que, ás vezes, diz coisas acertadas, e de quem o *mestre* também já traçou o perfil—mas que perfil!—insurgia-se, há dias, contra a conservação do estilo pombalino nos prédios de Lisboa e nomeadamente nos do Rossio por não se coadunar nem com a época, nem com a civilização moderna.

Realmente aquilo é tão pífio que está a pedir o tal Homem, com H maiusculo, que livre a capital de semelhante absurdo.

Quem vê, na Belgica, por exemplo, a Grand Place, de Bruxelas, e cáe depois no Rossio...

E' de fugir às sete partidas.

Acabe-se, portanto, com a tal mosia e deitem-se abaixo os pombais,

Moliço, peixe e barra

O nosso colega *O Ilhavense* continua com os seus artigos judiciosos sobre êstes assuntos, de alta importância para a nossa região e que merecem o aplauso do *Democrata*. E' que conhecemos, também, a ria da Costa Nova com toda a sua riqueza e causa-nos, por isso, mágua vêr o estado a que chegou, toda assoriada, sem peixe e quási abandonada dos moliceiros que a povoavam, dando-lhe um aspecto de encantadora beleza que a vista se não cansava de admirar. Mas, enfim: os homens de letras, isto é, que estudam nos livros, tantas coisas fazem guiados por êles que, ás vezes, na prática, sai tudo ás avessas... Causando, realmente, dó verificar o estado a que chegou essa extensa bacia de água onde se espelha uma das mais típicas praias de Portugal.

d'Annunzio

Sùbitamente, deixou de existir em Itália o poeta máximo daquele país, Gabriel d'Annunzio, que também era um fluente orador, sendo conhecido no Parlamento como o *deputado de belêsa*.

A Itália, está, portanto, de rigoroso luto.

Procissão de Cinza

A-pesar-do tempo ventoso, com tendências para chover, Aveiro regorgitou na quarta-feira, sendo a cidade invadida por grande multidão, que assistiu em várias ruas e praças à passagem do cortejo religioso saído da igreja dos Terceiros de S. Francisco.

Só não veio cantar o Orfeon Académico de Coimbra. De resto foi, como sempre, magestosa a nossa procissão de Cinza.

Ver a 4.ª página

Além túmulo

Major José da Costa

No primeiro aniversário da sua morte, que vai passar depois de àmanhã, não o podíamos esquecer, tantas provas nos deu da sua estima e da sua solidariedade, nomeadamente quando a traição e a deslealdade dos nossos adversários mais se fazia sentir.

E' que o major José da Costa, pertencendo ao número dos amigos dedicados, nunca se escondeu de verberar o procedimento de certos sujeitos de baixo estôfo moral, para o que possuia toda a autoridade adquirida por uma irrepreensível linha de conduta.

Eis o motivo por que nos apresentamos a cumprir o dever de homenagear a sua memória.

Henrique de Brito

Também já lá vão seis anos—fê-los na segunda-feira — que a morte o ilaquiou, atirando-o para o túmulo!

Amigo dedicadíssimo e filho doutro velho amigo—Alfredo de Brito—aqui estamos igualmente a recordá-lo com aquela saudade que nem o tempo nem as agruras da vida conseguirão dissipar.

As andorinhas

Chegaram os primeiros casais, precursores da Primavera que se antecipou com lindos dias de sol criador e amenos, alguns. Oxalá, porém, se não arrependam. O tempo engana tanto...

O Carnaval em Aveiro

Decorreu insípido de todo nada havendo a registar digno de mensão especial.

Uma autêntica pasmaceira.

como filho dilecto, tenha procurado e podido conquistar-lhe.

E' que, se alguns merecimentos pódem imputar-se às nossas manifestações nos domínios da arte, à nossa terra, que não a valor próprio, são devidos, pois da sua beleza policroma àspiramos os eflúvios benéficos capazes de apurar a sensibilidade mais doentia.

Habituados à comtemplação dêste quadro maravilhoso em que a natureza nos foi pródiga,—de sóis rútilos como poalhas de oiro; de linfas cristalinas espelhando cenários mil-e-uma-noitescos; de reverberos cintilantes dos cristais das salinas; do perfume alacre que se evola das marezias; da luz diáfana e esmaecida de poentes de sonho,—tudo predispõe a nossa sensibilidade à contemplação do belo, a abranger num amplexo os sublimes arcanos onde a arte faz sua pousada.

* * *

Mas esta honra, assim tão nobre a expontâneamente por V. Ex.ª concedida, a nós e à nossa terra, foi sôpro bemfazejo a despertar, como que de prolongada letargia, a nossa consciência de admiradores de tudo quanto é belo, de tudo quanto em arte se consubstância, de tudo, em suma, quanto é grande; e, tal qual como um toque de rebate em sinos de ermida altaneira, anunciando a hora da romaria, assim a nossa sensibilidade foi acordada em rebate, e espontâneamente posta sob o império daquela outra virtude, que, como a gratidão, não menos dignifica e enobrece,—o respeito e o testemunho de admiração, quando sobejamente são devidos,—o incontestável dever de homenagear.

E', pois, de homenagem bem sentida esta romagem de saüdação que o Grupo Cénico do Club dos Galitos vem trazer a V. Ex.ª, em momento tão azado como êste, já que um pretexto feliz nos foi propício a acalentar a primazia da iniciativa de tão honroso cometimento.

* * *

Pelas tábuas dêste palco, e há bons decénios, têm passado sucessivamente as mais lídimas figuras do Teatro Português, e nomeàdamente aquela pléiade de nomes quási lendários que a tradição aponta nos fastos de gerações passadas e presentes, nimbando-as de uma auréola que há-de perdurar por longo tempo ainda. Não existe, porém, no nosso teatro, o menor marco a atestar essa passagem, padrão simbólico a perpectuar a continuídade dessa tradição até às gerações vindouras—padrão em que a história do futuro, mòrmente a história desta casa, possa alicerçar seus fundamentos.

Pois bem, minhas senhora e meus senhores! Mais uma vez a artista Senhora D. Adelina Abranches, e depois de prolongada ausência, se dignou honrar com a sua divina arte o tablado do Teatro Aveirense.

Glória máxima da cena, é ela a mais veneranda relíquia do período áureo da nossa arte dramática—verdadeiro abencerragem da maior geração teatral dos últimos tempos.

Abençoada hora, esta em que a nossa estrêla propícia—a bôa estrêla do Grupo Cénico doClub dos Galitos!—nos forneceu o ensejo de podermos tomar a iniciativa de fazer vincar esta passagem em padrão indelével a transmitir às gerações do futuro, e em que sentimos à nossa volta o apoio incondicional da nossa terra por esta merecida consagração a prestar a V. Ex.ª—tal qual como nas gerações de antanho, ou nas sociedades hodiernas, costuma render-se preito à glória dos màrtires, ou dos santos, ou dos heróis. E, se qualquer dos elementos desta trindade fôra motivo azado à consagração das gentes, em V. Ex.ª sobejam predicados que consubstanciam esta trilogia sublime das auréolas do martírio, da santidade e do heroísmo.

Auréola de mártir, porque, embora vergada ao pêso de tantos invernos, cujas neves lhe branqueiam a fronte augusta, é mister suportar ainda a luta ingente nas primeiras linhas de combate, dominando e empolgando a arte em tôda a sua subtileza; auréola de santa, pelo que de beleza espiritual vem espargindo à sua volta, estendendo a mão carinhosa, que seja fanal e guia a quem ensaia seus passos vacilantes nesta rota em que a arte fêz seu têrmo, e, agora, para nós, senhora e padroeira de um modesto grupo de amadores; auréola de heroína, pela grandeza épica da sua figura de comediante, alma de menina e moça, com tal poder de arrebatamento, que nos prende e fascina, dinamizando sentimentos, hipnotizando olhares e electrizando multidões; e de tal maneira, que, em três gerações sucessivas—a avó! a filha! o neto!—soube transmitir à posteridade, pela lei fatal do atavismo, a essência penetrante e dinamizadora do seu sangue, a fôrça empolgante do seu incomensurável génio.

* * *

É, pois, justificada a essência do dever desta homenagem que nos propusemos, como azado é o momento que lhe deu vida e corpo, e azado é também o local adrede preparado à consagração.

Aqui, neste teatro, à luz coruscante da ribalta e por sôbre as quartelas meio carcomidas dum palco já vèlhinho—testemunhas mudas e serenas de tantas noites de glória, encobrindo—quantas vezes?—tantas lágrimas de martírio ou tempestades de sofrimento—preparámos nós—o Grupo Cénico do Club dos Galitos—o descerramento de uma lápide comemorativa da passagem de Adelina Abranches pelo palco do Teatro Aveirense.

Nossa foi a idea, é certo, por dever ou direito de conquista; mas teve a acalentá-la o ambiente bemfazejo de tôda a gente da nossa terra:—a Direcção do Teatro, abrindo-nos de par em par as suas portas, numa comunidade de sentimentos que é bem justificado orgulho; e a galhardia dos aveirenses, acorrendo prontamente à chamada, como fazem sempre que é mister acalentar nossos anseios, para gritar do seu pôsto de honra e combate:—aqui estamos, também!—e para que a sua presença não faltasse a paraninfar esta consagração.

Se a vida é escola de civismo, estas homenagens de excelso valor cívico ficam bem à nossa condição de patriotas, à nossa sensibilidade de portugueses.

* * *

Minhas senhoras e meus senhores:

Terminada a sua missão—a bom ou mau contento—,o arauto vai calar-se, com a consciência do dever cumprido, e para que não possa por mais tempo empanar com seus deméritos o brilhantismo espiritual de que esta consagração se reveste.

À distinta artista, Senhora D. Aura Abranches, legítima herdeira do nome, e da glória, e da sensibilidade artística de sua veneranda mãi, solicitamos a honra de querer ser madrinha no descerramento, descobrindo a lápide que ora vai inaugurar-se.

E vós, Senhora D. Adelina Abranches—Senhora e Padroeira Nossa!—aceitai, generosa, êste côro de bençãos em volta, e deixai que do Grupo Cénico do Club dos Galitos—simples neófitos que, quási a mêdo, vão ensaiando seus passos titubeantes na grande escola que é a arte de representar—aqui venham em romagem enternecida, desfolhar por sôbre a nevada cabeça de V. Ex.ª as flores simples e humildes do seu preito, da sua admiração e do seu imperecível reconhecimento.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 1, o sr. Domingos Simões Génio; àmanhã, fá los, o sr. José Ferreira da Costa Mortágua, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company; no dia 7, o Julinho, filho do sr. António Nunes Freire, ausente no Congo Belga; em 10, a galante Maria Manuela e o inocente Rui Helder, filhos, respectivamente, dos srs. António José Nunes Rangel activo negociante e Silvio de Sousa Moreira, residente na Beira (África Oriental) e a sr.ª D. Maria Luísa de Melo Brito, filha do sr. António Constantino de Brito, farmacêutico em Valadares e em 11, a sr.ª D. Maria Carolina Lopes, veneranda mãi do nosso velho amigo José de Sousa Lopes e do sr. Manuel de Sousa Lopes.

Doentes

Não tem passado bem de saúde, o que sentimos, o nosso particular amigo sr. capitão José Ferreira do Amaral, a quem desejamos as suas melhoras.

—Tendo adoecido em Coimbra, onde se encontrava em viagem, esteve aqui, de cama, alguns dias o também nosso amigo Nuno Meireles.

—Também devido a uma queda da bicicleta que montava quando se dirigia a Vagos, no intuito de visitar, na cadeia, o director dêste jornal, esteve alguns dias retido na cama, o sr. Francisco Marques da Naia, a quem desejamos completo restabelecimento, lamentando o desastre sofrido.

—Com certa gravidade também adoeceu a esposa do sr. José Maria Carvalho e mãi dos srs. António e Américo Carvalho da Silva.

Oxalá que em breve se restabeleça.

Falta de espaço

Por êste motivo ficam de remissa alguns originais e composição para o número imediato.

Secção desportiva

Foot-Ball

Campeonato da II Liga

Beira-Mar 6—S. L. e Vizeu 0

Realisou-se, domingo, nesta cidade, o primeiro encontro da segunda volta, grupo 4.º, 20—na B, do campeonato da Liga Menor, entre o *Beira-Mar* e o *Sport Lisboa e Vizeu*, respectivamente campeões dos distritos de Aveiro e Vizeu.

Como, na primeira *mão*, aquêles *teams* empataram, por 3-3, havia curiosidade de ver como se comportavam os nossos representantes. Presenciou a luta, portanto, uma razoável assistência.

Como se previa, os locais triunfaram com relativa facilidade, por meia dúzia de t ntos!

Se os beiramarenses tinham, nêsse dia, o pé afinado, é de presumir que os visienses sofressem uma derrota catastrófica.

Foram marcados 3 *goals* em cada meio-tempo.

Décio obteve o 1.º, 2.º, 5.º e 6.º e Marques, o 3.º e 4.º

Alinharam pelo *Beira-Mar*: Dionísio; Vendaval e Amadeu; Justiça, Eduardo e Nicolau; Estima, Marques, Décio, Maximiano e J. Pinho.

A defesa esteve bem. Mesmo muito bem. Justiça e Nicolau, muito combativos, nem sempre souberam fornecer jôgo em condições aos seus dianteiros. Àmanhã, em S. João da Madeira, têm de cuidar muito da defesa e da deficiência acima apontada. Eduardo, no ataque, contentou. Não se esqueça que em S. João da Madeira, um bom resultado dos aveirenses dependerá da actuação dos nossos *halfs*! E' de esperar que Justiça, Eduardo e Nicolau dispendam tôdas as energias para conseguir um *score* digno de verdadeiros campeões

Nos avançados, Décio revelou interessante subida de forma, mostrando-nos de novo o seu perigoso remate.

Com a bola nos pés, Décio nunca deverá parar. Se êle estiver sempre em movimento, quer a passar ou a rematar, tentando, por vezes, a sua sorte por entre a defesa contrária, não há dúvida que dará muito trabalho a qualquer compartimento defensivo. J. Pinho jogou como nos seus melhores dias. Estima também teve uma actuação feliz. Nunca, porém, deverá centrar para cima da balisa do adversário e tentar fugir noutra direcção, que não seja a das redes contrárias. Marques, das *reservas*, creditou-se duma estreia mágnifica. Marcou dois excelentes *goals*. Realisou passágens bem pensadas, embora tivesse abusado de mais das aberturas aos extremos do seu flanco. Agora, há-de fazer todos os eforços para dar luta capaz aos contendores, calculando melhor a entrada à bola! Maximiano estava doente e foi o pior de todos. Não se pense, porém, que Maximiano perdeu tôdas as suas qualidades, pois, na melhor altura, ver-se-á que a sua inclusão no *team* será da maior utilidade.

Repetimos: ámanhã, em S. João da Madeira, os campeões do distrito possuem grupo para ganhar. Do seu entusiasmo, vivacidade, rapidez de movimentos, grande atenção na defesa, luta porfiada pela posse da bola, jogo direito para a balisa, remate pronto e sereno — muito há a esperar.

Beira-Mar—A. D. Sanjoanense

Deve, àmanhã, acompahar o *Beira-Mar* a S. João da Madeira, uma importante falange de apoio, constituida por muitos adeptos aveirenses do popular *team* do bairro piscatório.

Esses numerosos incitadores dos seus conterrâneos, hão deslocar-se com as melhores esperanças dum bom resultado, pois os beiramarenses possuem valor suficiente para consegui-lo.

E' fácil calcular o entusiasmo dessa legião de bons aveirenses, se os rapazes arrancam, como, aliás, é de esperar, o seu mais belo triunfo da temporada.

Basket-Ball

O próximo campeoeato distrital

Reuniram-se há dias, na séde do *Club dos Galitos*, onde funciona provisòriamente a *Associação de Basket-Ball de Aveiro*, os srs. Joaquim Martins, tesoureiro da A. B. A.; António da Rocha Vidal, secretário da A. B. A. e representante do Liceu; António Neves do *Valegrandense*, Alberto Lebre, do *Vasco da Gama*, Alvaro de Sousa, do *Oliveirense*, e Vasco Rocha, do *Sporting de Espinho*, que trataram de assuntos respeitantes a esta modalidade.

Depois de se ter feito o regulamento para o campeonato distrital, que, esta época, irá marcar como o melhor e mais emotivo, atendendo ao número e ao valor equilibrado dos inscritos, e que deverá iniciar-se àmanhã, procedeu-se ao sorteio, que deu o seguinte resultado:

1.º dia: Em Espinho, *Sporting Galitos*; em Oliveira de Azemeis, *Oliveirense-Liceu;* em Aveiro, *Vasco da Gama-Valegrandense.*

2.º dia: Em Aveiro, *Liceu-Galitos;* em Espinho, *Sporting-V. da Gama;* em Vale Grande, *Valegrandense-Sanjoanense.*

3.º dia: Em Aveiro, *Galitos-Oliveirense;* em Espinho, *Espinho-Valegrandense;* em S. João da Madeira, *Sanjoanense-V. da Gama.*

4.º dia: Em O. de Azemeis, *Oliveirense-Espinho;* em Aveiro, *Liceu-V. da Gama;* em S. João da Madeira, *Sanjoanense-Galitos.*

5.º dia: Em O. de Azemeis, *Oliveirense-V. da Gama;* em Espinho *Sporting-Sanjoanense;* em Aveiro, *Liceu-Valegrandense.*

6.º dia: Em O. de Azemeis, *Oliveirense Sanjoanense;* em Vale Grande, *Valegrandense-Galitos;* em Aveiro, *Liceu-S. de Espinho.*

7.º dia: Em Vale Grande, *Valegrandense-Oliveirense*, em S. João da Madeira, *Sanjoanense-Liceu;* em Aveiro, *Galitos-V. da Gama.*

Na segunda volta, repetem-se os mesmos jogos, mas nos campos dos grupos que se deslocaram primeiramente.

O campeonato está a despertar o melhor entusiasmo na nossa região. O popular desporto vai conquistar numerosos adeptos.

Os grupos possuem valor equilibrado. O que ganhar o título de campeão, deve sentir-se imensamente satisfeito, pois conseguiu uma proeza magnifica.

Será uma honra para a terra a que pertença o club que, ao cabo de 44 duros jogos de campeonato, chegue ao fim em grande vencedor do melhor torneio basquetista organisado, até agora, na província.

Y.

Um caso

=o=

Já não constitue novidade para ninguém a notícia da falcatrua que ùltimamente se descobriu na secretaria da Câmara e da qual se confessou autor um conhecido funcionário da mesma, cuja insensibilidade moral não lhe permitiu que reparasse na nódoa originada pela sua feia acção. É lamentável que um rapaz novo, a bem dizer no princípio da sua carreira e com responsabilidades de família, se deixasse, assim, resvalar, não medindo o alcance do delito que indubitàvelmente o perderia.

E agora?

Alpoim Pereira Monteiro Júnior só tem um recurso: saír de Aveiro para longe, de modo a evitar que sôbre a sua pessoa e o seu caso se prolonguem os comentários nada lisongeiros, pouco honrosos e sempre aborrecidos para quem o conhecia de perto.

É êsse o conselho que lhe damos.

Reitor do Liceu

=o=

Informaram os jornais há uns dois meses que o sr. dr. João Joaquim Pires havia sido exonerado, a seu pedido, de reitor do nosso Liceu, e que ia ser nomeado em sua substituição o sr. dr. Duque Vieira, professor em Castelo Branco. Até hoje, porém, não apareceu no *Diário do Govêrno* tal exoneração, pelo que o sr. dr. João Pires ainda continua na reitoria e, devemos dizê-lo, com geral agrado do corpo docente do Liceu e da cidade de Aveiro.

E' que o sr. dr. Pires tem ocupado o seu lugar com notável aprumo moral e a maior competência.

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

Pesca do bacalhau

Já saíu de Lisboa para os bancos da Terra Nova o arrastão *Santa Joana*, pertencente à nossa praça, devendo também seguir o mesmo destino, dentro em breve, o lugre *Milena* que está a concluir as reparações de que necessitava nos estaleiros da Gafanha.

Oxalá a sorte continue a bafejar todas as empresas.

CHAILE

À pessoa que o levou por engano do baile dos *Galitos* pede-se a fineza de o entregar nesta Redacção. É de merino preto.

O TEMPO

Previsões de 6 a 12 de Março

Meteorologia

Oscilação barométrica geral—Continua a descida barométrica, iniciando em 10 a subida fortemente acentuada.

Datas de novos ciclones—Em 10.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—Em 10.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo se apresente, por vezes, com tendência para chover, principalmente em 6.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em França, Inglaterra, Mar do Norte, Alemanha, Turquia, Mediterrâneo, E. U. da América do Norte, Califórnia e Argentina.

Oscilação provável de temperatura na península—Oscilante.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: Em 9.

Setúbal, 2 de Março de 1938.

A. CARVALHO SERRA

Correspondencias

Costa do Valado, 1

Director de «O Democrata»

Acompanhado pelos nossos amigos snrs. padre António Vieira, Eduardo Leite, Manuel Gomes Ferreira e Rafael Simões, de novo fômos à visinha e hospitaleira vila de Vagos, passar umas horas de alegre convívio com o devotado director de *O Democrata*, nosso presadíssimo amigo snr. Arnaldo Ribeiro.

Costa do Valado não esquece, nem póde esquecer que *O Democrata*, verdadeiro jornal regionalista e o seu director, muito se têm interessado pelo seu progresso e desenvolvimento e assim é que, neste transe, os seus habitantes de maior representação não faltaram a prestar a sua sincera homenagem e o seu grande aprêço aquêle nosso amigo.

—Acompanhado do nosso amigo Manuel Nunes Génio e de visita ao importante capitalista e proprietário, snr. Albano Nunes Génio, digno representante da Casa do Povo, no Conselho Municipal, esteve uns dias nesta localidade onde tivemos o prazer de o cumprimentar, o snr. António Conde Fresco, antigo «Alcaide» de Espanha, actualmente residente em Lisboa. Muito lhe apreciamos o seu acendrado amôr à causa nacionalista e a maneira desassombrada e brilhante como sabe defender e expôr a sua ideologia.

—Embora morôsamente, esta localidade vai-se estendendo para todos os lados com a construcção de novos prédios, alguns de valor, que muito a embelezam. E dentro de dias iniciar-se-há a construcção de mais um, nas Paradas, nas proximidades das escolas, para residência do nosso Manuel Nunes Génio. Foi entregue a construcção ao activo mestre de obras da Oliveirinha, snr. José Ferreira Dias.

Idem, 2

Os *clubs* daqui fizeram com que o Carnaval êste ano decorresse mais animado, e assim a rapaziada do *Salão Primavera* organisou um rancho composto por interessantes raparigas que se exibiu em diferentes localidades circunvisinhas, deixando bôa impressão.

Também aqui veio o *Rancho Mocidade*, da Quinta do Picado, que agradou

Ambos dançaram e cantaram defronte da nossa residência, deferência que lhes agradecemos.

A' noite, tanto no *Salão Primavera* como no *Recreio Valadense*, os bailes estiveram muito concorridos e animados, vindo abrilhantar êste, um afamado *jazz* de Covões, que fez sucesso, recebendo os seus componentes fartos aplausos.

Correu tudo na melhor ordem, sem incidentes desagradáveis, o que contribuiu imenso para o bom nome da Costa.

—Consorciou-se há dias com a menina Anunciação Lopes Maia, o sr. António Martins, natural de Corujeira, distrito da Guarda, mas aqui residente.

Tem passado hoje para Aveiro muita gente que vai assistir à procissão da Cinza.

C.

Esgueira, 3

Já aqui falámos, há tempos, sôbre a linguagem desbragada de certas criaturas que moram perto da *Alameda 31 de Janeiro*. Hoje voltamos ao assunto pois o que continua a passar-se chega a ser indecoroso.

Quem dá providências?

—Os bailes realizados durante o Carnaval, no *Centro Recreativo*, decorreram animados para o que também contribuiram *Os Cariocas*.

—De visita estiveram aqui os nossos amigos José Alves Moreira, aluno da Universidade de Coímbra e José da Silva Neto, aspirante de Finanças em Vila Nova de Fozcôa.

C.

ATENÇÃO PARA A 4.ª PAGINA

"A aldeia mais portuguesa de Portugal"

Compete ao Secretariado da Propaganda Nacional, segundo o diploma que o instituíu, «combater por todos os meios ao seu alcance a penetração no nosso País de quaisquer ideas perturbadoras e dissolventes da unidade e interêsse nacional».

Cumpre-lhe também «organizar manifestações nacionais e festas públicas com intuito educativo ou de propaganda». Fiel a êsse programa, e porque uma das melhores formas de opôr uma barreira eficaz à «onda que cresce no mundo», segundo a frase do Sr. Presidente do Conselho, é desenvolver nos portugueses o culto pela tradição, estimulando o regionalismo nacional, tem o S. P. N. levado a cabo várias iniciativas, como a Exposição de Arte Popular e a Quinzena de Portugal em Génebra. Não basta, porém, reünir os mais belos e pitorescos especimes dos trajos regionais nem apresentar a estranjeiros ou a eruditos algumas das mais curiosas expressões do folclore português. Há que interessar, nessa obra do renascimento folclórico e etnográfico nacional, o povo das aldeias, os artistas anónimos que, afeiçoando o barro, entoando cantigas ou, simplesmente, repudiando influências alheias e nocivas, loram manter, intactos, na sua pureza e graça, os costumes tradicionais da sua terra.

Assim o entendeu o Secretariado da Propaganda Nacional, ao promover, nas bases seguintes, o concurso denominado *A aldeia mais portuguesa de Portugal*:

As condições essenciais a que deverão subordinar-se as aldeias portuguesas do continente, admitidas a concurso, são, em referência às tradições etnográficas e folclóricas das respectivas províncias, a maior resistência oferecida a decomposições e influências estranhas e o estado de conservação no mais elevado grau de pureza das características seguintes:

1.º—Habitação.
2.º—Mobiliário e alfaia doméstica.
3.º—Trajo.
4.º—Artes e indústrias populares.
5.º—Formas de comércio.
6.º—Meios de transporte (terrestres, marítimos e fluviais).
7.º—Poesia, contos, superstições, jogos, canto, música, coreografia, teatro, festas e outras usanças.
8.º—Fisionomia topográfica e panorâmica.

II—As aldeias concorrentes farão a sua prova demonstrativa em obediência aos preceitos estabelecidos na base anterior e seus números com as próprias qualidades e recursos representativos, organizados ou a organizar, não podendo em caso algum utilizar elementos estranhos ao seu meio étnico e à área administrativa da freguesia a que pertençam.

III—À concorrente classificada como *Aldeia mais portuguesa de Portugal* será atribuído o prémio *Galo de Prata*, símbolo que corresponderá a um melhoramento de utilidade pública a realizar no local, identificado com inscrição alusiva.

IV—O prémio a que se refere a base anterior será bienal.

V—A concessão do prémio confere à *Aldeia mais portuguesa de Portugal* o direito de colocar o símbolo *Galo de Prata* no campanário da Igreja da freguesia, obtida a permissão da autoridade respectiva, que se tornará, conseqüentemente, responsável pela sua guarda e conservação.

VI—A posse do prémio *Galo de Prata* cessará sempre que o mesmo seja atribuido pelo júri competente, em futuro concurso, a qualquer outra aldeia; caso contrário, continuará, no biénio seguinte, em poder da premiada anteriormente, o que corresponderá a ter direito a novo melhoramento de utilidade pública a realizar no local; e assim sucessivamente.

VII—O Secretariado da Propaganda Nacional solicitará às Juntas de Província —que pelo Código Administrativo (cap. III, art.º 260, n.ºs 2.º e 4.º) têm designadas atribuïções sôbre etnografia e folclore—a necessária colaboração: que tomem a seu cargo a iniciativa de escolher, entre tôdas as aldeias das suas respectivas áreas administrativas, as duas que reunam as condições exigidas pela base I e seus números, e possam, conseqüentemente, ter acesso à candidatura no presente concurso.

VIII—Para execução da base anterior, cada Junta de Província nomeará um júri de cinco membros, constituido por: um etnógrafo e folclorista, e um musicólogo, que se hajam distinguido pela sua especialização nêsses assuntos ou pelos trabalhos que sôbre os mesmos tenham publicado; um director de Museu Regional; um representante de Comissão Municipal de Turismo; e o presidente da Junta de Província que intervirá, apenas, em caso de empate.

IX—O Secretariado da Propaganda Nacional concederá um subsídio às Juntas de Província para ocorrer às despesas de deslocação dos respectivos júris.

X—Os resultados da escôlha serão justificados em relatório circunstanciado, observando-se o disposto na base I e seus números, e constarão de uma acta assinada por todos os membros do júri, que dela enviará cópia autêntica à respectiva Junta de Província.

XI—As candidaturas das aldeias escolhidas pelos júris provinciais serão enviadas ao Secretariado da Propaganda Nacional pelas Juntas de Província até ao dia 30 de Maio do ano do concurso, nos termos da base anterior.

XII—As Juntas de Província tornarão públicos os resultados a que se refere a base X por intermédio da imprensa das respectivas sédes.

XIII—As candidaturas serão apreciadas por um júri nomeado pelo Secretariado da Propaganda Nacional, constituido por: Três etnógrafos e folcloristas, e um musicógrafo, que se hajam distinguido pela sua especialização nêsses assuntos ou pelos trabalhos que sôbre os mesmos tenham publicado; duas individualidades escolhidas entre figuras de reconhecido prestigio nas letras ou nas artes; e o Director do Secretariado da Propaganda Nacional que intervirá, apenas, em caso de empate.

XIV—O júri nomeado pelo Secretariado da Propaganda Nacional visitará as aldeias concorrentes até 30 de Julho do ano do concurso, em datas prèviamente marcadas de acôrdo com as respectivas Juntas de Província, para assistir pùblicamente à prova demonstrativa das condições exigidas pela base I e seus números.

XV—Verificada a totalidade de provas demonstrativas a que se refere a base anterior, o júri nomeado pelo Secretariado da Propaganda Nacional dará o seu veridicto para atribuïção do prémio à *Aldeia mais portuguesa de Portugal*, no praso de 30 dias, decisão que será comunicada à respectiva Junta de Província e tornada pública por intermédio da imprensa.

XVI—O prémio simbólico *Galo de Prata*, a que se refere a base III, será entregue solenemente no Secretariado da Propaganda Nacional, em dia a designar, aos elementos representativos da aldeia premiada, que se apresentarão em obediência às características etnográficas e folclóricas expressas nos números 3.º (trajo) e 7.º (canto, música, coreografia) da base I, acompanhados por delegados da respectiva Junta da Província e da Casa do Povo ou da Casa dos Pescadores, havendo-as, ou da Junta de Freguesia.

XVII—A execução e a entrega do melhoramento de utilidade pública local, correspondente ao prémio simbólico a que se refere a base III, serão levadas a efeito pelo Secretariado da Propaganda Nacional até 31 de Dezembro do ano em que se realizar êste concurso.

XVIII—Os preceitos estabelecidos nas bases dêste concurso não podem ser alterados em caso algum por qualquer dos júris.

Necrologia

António José de Sousa

Faleceu em Lisboa, no dia 19 do mês passado, o sr. António José de Sousa, professor do Instituto dos Cegos do Porto, irmão do nosso amigo Agostinho de Sousa, professor de Ensino Técnico, cunhado da sr.ª D. Maria Bárbara Correia da Nóbrega e Sousa e tio do sr. Carlos Nóbrega e Sousa, M.lle Amélia Nóbrega e Sousa e dr. Luís T. de Sousa, proprietário e farmacêutico no Porto.

O infeliz, que contava 46 anos de idade, dos quais 23 como vidente e outros 23 de invisualidade absoluta, foi, nos últimos 2 anos daquele seu primeiro período de vida, funcionário superior da Fazenda de Nova Goa (India Portuguesa) donde era natural, mas, sobrevindo-lhe a cegueira, veio propositadamente da Índia para Portugal a-fim-de se entregar aos cuidados e perícia do distinto oftalmologista, dr. Gama Pinto, que, infelizmente, não lhe poude fazer o milagre da cura. Tendo em seguida aprendido com notável e invulgar êxito o método de Braille, foi convidado para professor de cegos do Instituto do Porto, onde durante 23 anos exerceu a sua actividade por forma a evidenciar-se como um professor competente e verdadeiro homem de bem, e cheio de sentimentos nobres.

O seu funeral para o cemitério do Alto de S. João, da capital, e a missa que a sua família mandou resar no 7.º dia na igreja de S. Domingos foram muito concorridos e com representação do Instituto de Cegos de Branco Rodrigues, do Instituto de Cegos de António Feliciano de Castilho e da Associação de Luís Braille.

A tôda a família enlutada, em especial ao nosso amigo Agostinho de Sousa, os nossos sentidos pêsames.

Dr. João Sucena

Surpreendeu-nos esta semana a notícia da morte, em Agueda, do sr. dr. João Maria Simões Sucena, que foi oficial do governo civil do distrito muito estimado pelas suas primorosas qualidades de carácter.

Contava 68 anos de idade, deixa viuva a sr.ª D. Clarisse Ribeiro Sucena e três filhos: D. Angela Sucena Camossa; Jaime Sucena, escrivão de Direito em Mértola; e António Ribeiro Sucena, solicitador.

Teve um entêrro onde figuraram pessoas de todas as categorias sociais, sendo os seus méritos enaltecidos, à beira da campa, pelo colega, sr. dr. Francisco Lima, advogado na comarca, que, com amargura, pôs em relevo as excelsas virtudes do extinto, dirigindo-lhe o último adeus.

O sr. dr. João Sucena deixou o mundo precisamente uma semana após o desgôsto de ter perdido um irmão.

Sinceramente aqui deixamos as nossas sentidas condolências a toda a família enlutada,

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, a inocente Maria João do Amaral Gois, de 4 anos, filha do sr. Francisco Gois; em *Esgueira*, Rosa de Jesus Gaspar, viúva, de 90 anos, e na *Quinta do Picado*, Rosa Cabreira, viúva, de 93.

Pelo Liceu

Promovido pela Associação Escolar realisou-se na penúltima quinta-feira, um baile, dedicado aos alunos dos três primeiros anos decorrendo muito animado.

Constituiu-se um juri formado pelos alunos Maria Bebiana Barreto, Alberto Branco Lopes e José Flores Guerra que classificou: do 1.º ano, Maria de Lourdes Mendes Madeira (*Boneca*), Maria Baltazar Madeira (*Maria de Portugal*) e Maria Irene Cruz (*Pierrétte*); do 2.º, Célia Simões (*Salineira*), Maria Albertina de Sousa (*Camponesa*) e Maria Lincho (*Camponesa romena*) e do 3.º, Aldina Neves Pinho (*Varina*), Maria Luisa Melo (*Serrana*) e Ilda Marques Cardeal (*Pastora rica*).

Foram distribuidos três exemplares de *Fábulas de Fedro*, da autoria do sr. dr. José Tavares; três caixas de aguarelas e duas lapiseiras e um tinteiro, tendo dado também o seu concurso à festa os executantes musicais Eugénio Cerqueira da Encarnação, António Rito, Francisco Freitas Pereira, Arménio D. Vital e Francisco de Assis F. e Paula, todos estudantes, com excepção do último que é antigo aluno.

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

No dia 6 do próximo mês de Março, por 12 horas, à porta do Tribunal judicial desta comarca, à Praça da República, na execução hipotecária em que são exequente Francisco Simão Carrêlo, casado, comerciante do logar de Valas, freguesia de Salreu, comarca de Estarreja, e executados Raul Ribeiro de Almeida e mulher Margarida Marques de Carvalho, empregados públicos, com actual residencia em Sá da Bandeira, Africa Ocidental Portuguesa, vai à praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima de metade da sua avaliação, o seguinte:

Uma quarta parte dum prédio de casas altas, com quintal e mais pertenças, sito na rua do Casal, freguezia de Eixo, desta comarca, avaliado em 7.000$00 e entra em praça por 3.500$00.

A sisa e despesas da praça são pagas nos termos da lei.

Pelo presente são tambem citados quaisquer credores incertos para assistirem à praça e usarem de seus direitos, querendo.

Aveiro, 14 de Fevereiro de 1938.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 2.ª Vara,
Melo Freitas
O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Victor

DECLARAÇÃO

=o=

Eu abaixo assinado, para legais efeitos, declaro ao comércio e ao público em geral, que nada devo a pessoa alguma; no entanto, se alguém se julgar meu crèdor, queira apresentar a conta até o fim do corrente mês, para conferir e pagar-se imediatamente.

Aveiro, 2 de Março de 1938.

Francisco José Lopes de Almeida
Rua de Santo António, 42